

TU

**TU É GATA
BRUNA
DONADIO**

ESSA GATA VAI
TE CATIVAR COM O
SEU JEITO MOLECA

**TU ENTREVISTOU
GS22 ADV
RIDERS**

VOCÊ ENCARARIA VIAJAR
DE SANTOS AO USHUAIA EM
APENAS 3 DIAS?

**TU PELO MUNDO
NICARÁGUA**

A PRIMEIRA SURF TRIP A
GENTE NUNCA ESQUECE



VIAJE NAS PÁGINAS DA TU

“Viajar é trocar a roupa da alma”, disse Mário Quintana. Passamos o ano inteiro trabalhando, pensando aonde ir nas férias. Quando viajamos, deixamos os problemas para trás, esquecemos as senhas de computadores, conhecemos novas pessoas e culturas, experimentamos novos sabores e contemplamos novos horizontes. Viajar é o melhor investimento que alguém pode fazer, o que você aprende, vive e conhece, ficará para sempre contigo.

Nessa edição 006, a Revista TU viajou. Foi para uma *surf trip* irada na Nicarágua, surf, cerveja e vulcão. E viajou com o pessoal do GS22 Adv Riders, um grupo de motociclistas que fazem passeios alucinantes pelo continente Americano. Já pensou chegar no Ushuaia em apenas três dias? Parece loucura? Veja o que esse grupo de amigos tem para contar! Viajamos nos olhos verdes da Bruna Donadio que, provavelmente, saiu de algum livro de Nelson Rodrigues e pulou para as páginas da TU. Thays Cardozo nos apresentou diversos tipos de cervejas para você apreciar no Carnaval. Quem sabe, numa bela viagem? E se não pretende viajar nesse feriado prolongado, experimente nossas opções de restaurantes em Santos e em São Paulo, ou então tente fazer mais um prato incrível do chef Danilo Rocha. O papo sério vem com Rafael Moreira e Lincoln Spada, na TU TEM O QUE FALAR, questionando os novos tempos da cultura em Santos.

Viajamos e trocamos a roupa da nossa alma. Estamos prontos para a próxima. **TU**



FERNANDO
DE SANTIS



THIAGO
SOUTO

ELES FAZEM A TU

textos

\danilo rocha
\fernando de santis
\lincoln spada
\nicolas nascimento
\rafael moreira
\thays cardozo
\thiago souto

fotos

\fernando de santis
\gs22 adv riders
\rafael moreira
\thiago souto
diagramação
\thiago souto

revisão

\mariana tassi
maquiagem
\aline malafaia
instagram.com/alinemalafaia



#04
TU ENTREVISTOU

#16
TU É GATA



#32
TU PELO MUNDO

#40
TU TEM O QUE FALAR



#46
TU COMEU

TU ENTREVISTOU

GS22 ADV RIDERS

**ELES REALIZARAM UM FEITO
QUE MUITOS DIRIAM SER
IMPOSSÍVEL: VIAJAR DE MOTO
INDO DE SANTOS AO USHUAIA
EM APENAS 3 DIAS**

texto
\fernando de santis
\thiago souto

fotos
\gs22 adv riders



Acelerar forte, conquistar fronteiras e desafiar distâncias. Tudo isso acompanhado de grandes amigos. Dá pra entender porque durante a entrevista, os olhos deles brilhavam quando contavam sobre das viagens.



Todos do grupo concordam, viajar de moto é uma terapia. Só você, a moto e a estrada. Sobra tempo pra pensar na vida.

Um grupo de amigos fanáticos por motocicletas e que adoram viajar tem feito viagens inesquecíveis por toda a América do Sul. A mais recente delas foi uma realização digna de livro dos recordes: de Santos ao Ushuaia, no extremo sul do continente, em apenas 3 dias. Conversamos com Luciano Rodrigues, Leonardo Vianna e Gustavo Veríssimo, integrantes do grupo e que fizeram parte desta viagem marcante, para saber como foram essas viagens e de onde vem a inspiração deste grupo de aventureiros.

TU - Como surgiu a ideia do grupo?

Luciano: Então, conheço o Leonardo (Vianna) há muito tempo. A gente andava de moto junto, só que de forma desordenada. A gente marcava, quem podia aparecia e ia viajar. Andávamos em outro segmento de moto, a moto speed (motos esportivas) e aí começamos a perceber que iam sempre os mesmos caras nas viagens. A partir de um momento, a moto esportiva começou a ficar um pouco mais perigosa por causa de assaltos, e resolvemos migrar de categoria. Fazendo isso, nós abrimos o nosso leque. A opção mais viável que encontramos foi a big trail, que atendia a viagem curta, média e longa que ainda não fazíamos. Daí começamos a viajar de maneira mais ordenada. Designávamos o destino, o hotel, a programação, combinávamos e íamos embora. Fizemos a nossa primeira grande viagem internacional para o Ushuaia. Juntaram quatro só e fomos. Ficamos vinte dias. E aí começamos a perceber que tinha uma demanda muito grande, mas o pessoal tinha muito medo de viajar para essas distâncias. Os medos eram os mais variados possíveis, da moto, o clima, situação de risco de fronteira, documentação... Foi aí que conhecemos o Gustavo (Veríssimo), na prévia de uma viagem que iríamos fazer. Depois disso, ele já se interessou em viagem longa e conseguimos juntar seis pessoas para ir para o

Atacama. No meio do caminho, na Argentina, um calor desgraçado e, então, resolvemos parar pra tomar alguma coisa. Paramos num comedouro de beira de estrada. Era uma cabana, muito simples, num lugar muito bonito e com um pastor alemão. O cachorro chamou a atenção porque era meia maluco. Andava com uma pinha na boca e não soltava na mão de ninguém. Quando ninguém dava atenção, ele soltava a pinha e cutucava para brincarmos com ele. O dono do lugar falou: "Não dá atenção pra esse cachorro, não. Esse cachorro é louco...", e perguntamos "qual o nome dele?" e o dono respondeu "o nome do cachorro é Vinte e Dois... vinte e dois é número de louco, por exemplo o cara é meio louco aqui, então chamamos de 22."

TU - É o mesmo que "treze" do Brasil...

Luciano: Exatamente! Se o cara é louco, ele é vinte e dois. Fomos pensando na ideia. Fomos pro Atacama. As esposas e os filhos foram de avião e encontraram conosco lá. E quando voltamos, pensamos que era um negócio bom de fazer. Só que precisava ser muito bem organizado. Já bolar roteiro, parada, reserva... mas se não tivermos um nome, isso não iria pra frente nunca. Aí pensamos em colocar GS, que é um termo em alemão pra offroad e onroad (Gelände/Straße), que anda em qualquer terreno, e 22 que é número de louco. Nós tínhamos essa loucura que é

rodar muito tempo em cima da moto, sem muito descanso. Precisávamos divulgar o grupo, daí fizemos camiseta, chaveiro, adesivo e um monte de coisa, e o pessoal começou a se interessar.

TU - E hoje vocês estão em quantas pessoas?

Luciano Rodrigues: Então, hoje no grupo temos 29 pessoas, entre o pessoal que mais participa.

TU - E sempre entra gente de fora?

Luciano: Sim. Começamos a perceber, montando o Instagram e o Facebook, que as pessoas que participavam de Moto Clube tinham as ações muito engessadas. Nos clubes, existe uma liderança e você tem que seguir regras. Então, pra vestir o colete, tem que entrar, ir em reuniões, fazer viagens. Com a gente, você entra, se identifica com as propostas do grupo, bota a camiseta e vamos rodar. Aí percebemos que as pessoas queriam fazer esse tipo de coisa, sem muito compromisso, como ir pra estrada e seguir uma ordem. Em outros grupos, você não pode mudar de lugar, não pode ultrapassar, não pode fazer nada, não pode parar fora da parada. E o nosso grupo é muito aberto dentro do diálogo. O que a maioria decidir é o que fazemos. Tanto que já passamos vários perrengues por a maioria ter escolhido errado.



TU - Por exemplo...?

Luciano: Temos uma passagem muito engraçada. Quando fomos para o Peru, tínhamos duas motos com 30 litros no tanque, o resto tinha 20. A autonomia das motos eram diferentes. Planejamos a viagem para reabastecer a cada 200 km, no máximo. Fizemos o primeiro dia, o pessoal começou a abastecer e ver que sobrava gasolina no tanque. "Porra! Fica parando! Tem gasolina pra rodar mais 50km... tá errado, vamos rodar mais!". Chegamos em Campo Grande e iríamos atravessar para a Bolívia no dia seguinte. Chegaríamos em Corumbá e, depois de Campo Grande, a próxima cidade para reabastecer é Mariana, a 160 km. Passamos em Mariana, daí falei com o Teco "E aí, vai parar pra abastecer?" e ele



“EU FALEI: ‘NÃO VAI CHEGAR...’ E O TECO FALOU ‘QUEM NÃO APRENDE PELO AMOR, APRENDE PELA DOR...’ (RISOS)”

“Veja o que a galera resolve...”. A galera falou “Não! Toca o pau!”. O Leonardo, o Marcelo e o Cadu estavam com motos de 20 litros, mas já estavam ligados na programação. Tinham participado de todas as reuniões e sabiam onde eram os pontos estratégicos. Eu falei “Não vai chegar...” e o Teco falou “Quem não aprende pelo amor, aprende pela dor...” (risos). Passamos 110 km, começou a acender luz de reserva de todo mundo, os caras encostavam. “Oh, vamos abastecer!” e eu “Beleza, vai na frente e acha um posto...”. Todo mundo começou a diminuir a velocidade, eu e o Teco que estávamos com moto de litragem maior, resolvemos ficar pra trás, porque se alguém ficasse, teríamos como saber aonde pra poder socorrer depois.



No topo, o grupo no Salar, em uma visita ao Atacama. No centro, o momento da conquista, quando o grupo chegou ao Ushuaia, depois de somente 3 dias de viagem de moto. Acima, as companheiras de viagem do grupo, em um breve descanso, atravessando de barco do Uruguai para a Argentina.

Daqui a pouco, passou um ônibus muito velho, caindo aos pedaços, e ele (apontando para o Gustavo) na cola do ônibus, todo abaixado, pegando vácuo. Usou todos os recursos da moto para economizar gasolina.

Gustavo: Coloquei no modo chuva, que a moto perde potência. Aí, mesmo no sol, avisei “coloca no modo chuva!”.

Luciano: E aí ele conseguiu chegar no posto. Incrivelmente, a moto dele rodou 341 km. Primeira parada foi o Leo, depois Cadu e Marcelo pararam, pane seca. Quando eles pararam, a gente estava varrendo, avisei “vou marcar no GPS aonde vocês estão, esperem, vamos buscar combustível e voltaremos”.



Gustavo: Isso era no meio do Pantanal...

Luciano: E eles “pô, quanto tempo vai demorar?”. Faltavam 160 km para o próximo posto. O Leo parou na sombra de uma árvore que não tinha nem três folhas (risos), tentando se esconder do sol de meio dia. Gustavo foi o primeiro a chegar no posto, encheu os tanques sobressalentes e voltou para socorrer o pessoal. Eu e o Teco fizemos a mesma coisa. A partir daí, aprendemos uma grande lição em grupo: 200 pode ser pouco, mas 350 é muito. A partir desse dia, voltamos para a programação normal.

TU - Até íamos perguntar isso... quando vão viajar, tem que ter uma organização detalhada, combustível, mantimentos?

Luciano: Geralmente, quem faz esse planejamento sou eu e o Leozão. Sempre cuidamos disso, roteiro, paradas. Quando o grupo era menor, como gostávamos muito de andar de moto, parávamos de mil em mil quilômetros. Saíamos de manhã cedo, rodávamos mil e parávamos. Hoje em dia, com o grupo maior, estamos fracionando as paradas. Uma das exigências dessa viagem ao Ushuaia, que foi feita em três dias, era que todas as motos fossem iguais e todos tivessem o mesmo ritmo. Não era uma viagem de turismo. Tinha um motivo sacramentado. Já tínhamos ido ao Ushuaia antes, já conhecíamos todo o trajeto e resolvemos fazer algo diferente. Foi como um “Challenge Day”, foi uma ideia que tivemos numa conversa de padaria em 2015, e pensamos “quanto você acha que conseguimos rodar em 24 horas?”, sempre tem um limitador, ou é uma fronteira, ou é o mar, ou é a cordilheira. Tinha um feriado de 21 de abril, disse “acho que conseguimos ir até Buenos Aires num dia só, sem parar...”. Falei “pode convidar duas mil pessoas... ninguém vai”.

“UMA DAS EXIGÊNCIAS DESSA VIAGEM AO USHUAIA ERA QUE TODAS AS MOTOS FOSSEM IGUAIS E TODOS TIVESSEM O MESMO RITMO. NÃO ERA UMA VIAGEM DE TURISMO.”



Gustavo: Você falou que não iriam cinco...

Luciano: "Ninguém vai. Pode jogar no grupo". Aí nos surpreendemos, tinha pessoas dentro do grupo com os mesmo objetivos e foram dez motos. Essa viagem exigiu uma programação diferente. Montamos quatro subgrupos, uma pessoa só em cada grupo tinha a responsabilidade de parar, pagar pedágio, abastecer e pagar a gasolina. Coordenar parada de reabastecimento e alimentação. Tínhamos o objetivo de fazer esses 2.200 km, de Santos a Colônia de Sacramento, em 24 horas. Conseguimos fazer. Sentimos fome, sede, sono, mas porra, foi uma experiência fora do comum. Pegamos chuva, sol, frio, calor... teste de resistência! Pensei "achamos um nicho no mercado, vamos ver se a gente consegue agregar mais gente que tenha o mesmo pensamento".

TU - Às vezes vocês passam mais tempo na estrada do que com a família...

Gustavo Veríssimo: Pois é, nessa viagem do Ushuaia, aconteceu um fato... Eu gosto de andar na terra, só que estou aprendendo agora. E no último dia, estávamos chegando no Ushuaia, eu abusei. Abusei na velocidade e na questão de respeito ao lugar que estava. Colocaram tanto medo do Rippio no Chile e Argentina e, quando vi que era uma terra dura com um pouco de pedra e que a moto não desgarrava, comecei a acelerar. Quando faltavam uns 450 km para chegar no Ushuaia, tomei um grande tombo. Quando caí, rolei e falei "Nossa!". Fiquei deitado no chão e eles dois (Luciano e Leonardo) estavam atrás de mim, pensei "eles vão chegar e me ver deitado, vão ficar assustados". Resolvi ficar em pé pra mostrar que estava bem, mas quando levantei, senti e pensei "Quebrei a perna!". Eles chegaram perguntando "O que aconteceu?", eu falei "Levante a moto e vamos embora!", eles levantaram, eu subi e... fui chorando 450km. Cheguei no Ushuaia com a fíbula quebrada e ligamento rompido em três lugares. Vi que teria que voltar de avião. Seguro nenhum vai te resgatar a 5 mil quilômetros de casa. No dia seguinte em que fui pro hospital, coloquei no grupo "aí galera, se alguém quiser vir aqui buscar a

minha moto de avião, eu pago a passagem e volta junto com eles". Eu ainda comentei que as pessoas estavam trabalhando, não iam conseguir e foi tão engraçado. Eles falam que eu sou o ogro, mas nesse dia eu até chorei. Teve briga entre os participantes pra ver quem iria buscar a minha moto! Achei que ninguém iria poder. Teve confusão! Acabou indo o Marcelo Trettel, que é um menino que anda muito bem de moto. A meta, que era chegar em três dias, eu cheguei, mas eu não fiz a volta. Voltei de avião para operar. Então, a gente mesmo longe da família, acaba ficando um tempão com essa outra família que formamos.



TU - Mas completou os três dias até o Ushuaia. É o que chama mais a atenção, além de ser um baita desafio. Como foi para comer e dormir? Iam comendo na moto? Só não dava pra dormir na moto...

Luciano: Isso, mas deve ter gente que dormiu na moto (risos).

Leonardo: Programamos desde o começo. O tipo de moto, autonomia, número de participantes, pois quanto mais gente, pior pra cumprir a meta e fazer as paradas. Por exemplo, dia um, vamos rodar 1.600 km, paramos de 300 em 300 km, a primeira parada é só parar, abastecer, banheiro se alguém precisar e tchau. Segunda parada, vamos comer alguma coisa, parar e abastecer. Terceira parada, abastecer e banheiro... ir se adequando à necessidade. Cheguei até a trocar de moto porque eu não tinha uma com a mesma autonomia,

Mais do que um grupo de amigos, o GS22 virou uma grande família. Seja nos momentos chatos, como passagens por fronteiras (foto maior da página ao lado), ou nos momentos mais engraçados, como a foto com direito a *nude* no Ushuaia (foto menor da página ao lado). No topo da página, a galera reunida em uma viagem. Acima, os 5 desbravadores que fizeram a viagem ao Ushuaia em 3 dias. Na foto, o único em cima da moto é o Gustavo, que estava com a perna quebrada.

Ao lado, foto tirada durante a entrevista que concederam ao Corpo em Ação da TV Tribuna



com a mesma autonomia, mesma litragem.

Luciano: Como os cinco que foram já se conheciam, foi muito mais fácil.

Gustavo: Muito mais fácil dentro de uma dificuldade extrema... (risos). Preferíamos ir no calor, mas o calor traz mais turistas e, quanto mais turistas, mais tempo perdido na fronteira. Então, fomos numa época de transição, entre o calor e o frio. E até aí, ninguém tinha pegado o frio que nós pegamos lá.

TU - Quanto de frio?

Luciano: Chegamos a pegar zero grau, mas na moto, "cento e vinte" por hora, imagine o frio.

Gustavo: A sensação térmica era de -10°C.

Luciano: Escolhemos também o roteiro por causa da facilidade que teria de andar, o maior trajeto é na Argentina e passando 100, 120 km de Buenos Aires, acabou trânsito. Só você, a moto e a estrada.

TU - E em alguma viagem, já tiveram que trocar alguma coisa mais séria (de mecânica) nas motos?

Gustavo: Graças a Deus, não!

Luciano: Primeiro, porque prezamos por esse lado de sair daqui com a moto já com a manutenção dentro do possível, prevista para a distância que vamos rodar. Fomos para o Ushuaia e rodamos 11.300km, quando estávamos voltando, paramos em Florianópolis para fazer as revisões. Isso foi programado. Vamos para o Atacama agora, a quilometragem no total são 8.000km, então conseguimos ir e voltar antes da revisão. A revisão é de 10 em 10 mil km. Colocamos óleo sintético, um pouco mais caro, mas que não tem a necessidade de parar na estrada pra trocar. Uma moto que você tem ferramentas específicas para fazer manutenção, parar em qualquer lugar é complicado.

TU - Por mais que planeje, sempre aparecem fatores variáveis...

Gustavo: O que é legal dessas variáveis é que o grupo é eclético e se junta nessas horas. Por exemplo, fomos para a Bolívia, para você ter uma noção, eles não vendem gasolina para placa estrangeira. Então imagine ter que cruzar a Bolívia inteira sem ter gasolina. Tivemos que ir em vilarejos, até pessoas que tinham gasolina guardada para poder abastecer as motos. E cada dificuldade imprevisível que aparecia, o grupo se unia e acabava no conjunto resolvendo.

Leonardo: A gente chegava num posto de gasolina na Bolívia e era assim: "preço da gasolina Bs3,40 e preço internacional Bs8,80". Aí você falava "Tudo bem, quero abastecer... vou pagar!". Mas eles não deixavam, pois éramos seis. Eu entendi mais ou menos o que eles queriam dizer, é que todo posto de gasolina tem um militar com fuzil na mão. Eu perguntei pro militar se era perigoso, ele falou que nem um pouco. Aí, perguntei porque havia um militar em cada posto, e ele respondeu "Porque o Governo controla a gasolina!". E aí você vê que todo mundo da Bolívia que vai abastecer carro ou moto, eles anotam a placa. Isso criou um mercado negro de combustível, que você vai passando nas vilas e as pessoas colocam galão de gasolina no muro, dando a entender que tem gasolina para vender. Cortamos a garrafa pet para servir de

funil, comprava gasolina na casa das pessoas. Negociávamos um tambor de cem litros e ia dividindo entre todo mundo.

“O LUGAR MAIS ANIMAL QUE EXISTE É O CALAFATE. EU PIREI! SIMPLEMENTE PIREI! COMO É QUE PODE?! TANTO GELO JUNTO...”

Luciano: Tivemos uma passagem que foi muito engraçada. Estávamos chegando na beira de uma vila, sem combustível, andando muito mais devagar. Estava de noite, um céu lindo, uma escuridão. Tínhamos acabado de passar um trevo de uma cidade e no GPS não se apresentava posto de combustível ali na cidade. Aí vimos uma estrela cadente e a estrela fazia justamente o caminho contrário que estávamos fazendo. Naquela hora, eu parei e falei “tô pedindo combustível faz um tempão... a porra da estrela caiu, vamos voltar pro trevo”. Voltamos pro trevo, entramos na cidade e, chegando lá, tinha um posto desligado, sem luzes, mas vimos um cara numa moto pequena sair. Comecei a seguir o cara, cheguei nele e falei “combustível!” e o cara “me sigam”. Começou a andar numa rua de terra, no meio de uma comunidade... mó perigo... entramos numa rua, ele diminuiu a velocidade, chegou um outro cara, com uma CG, com tanque amassado e uma bombona de 50 litros de gasolina em cima do tanque. O cara tava pilotando com uma mão só!

TU - O homem bomba... (risos)

Luciano: O homem bomba! E ele “gasolina, gasolina!” Pegamos o funil para abastecer, duas e pouco da madrugada. Cara, do nada veio andando uma mulher. Cabelo preto, escorrido... tá ligado aquela mina do “O Chamado”? Com o cabelo na frente da cara, lambido, só o nariz aparecendo. Me apontaram ela. Eu olhei pra ela, olhei pra gasolina e pensei “se for assombração não quero nem ver!”. (risos)

Gustavo: Aquilo deu medo de verdade... um matagal, uma estrada de terra, e aí vem a mulher do “Chamado”! (risos)

Luciano: Ela passou no meio das motos... andando igual um robô... abastecemos e fomos embora, pelo amor de Deus!

TU - E dos lugares que vocês conheceram, quais os mais bonitos e que vocês mais gostaram?

Luciano: Pra mim, o lugar mais animal que existe é o Calafate. O lugar que tinha mais gelo que eu tinha visto na vida era meu congelador. Quando cheguei em Perito Moreno, eu pirei! Simplesmente pirei! Como é que pode?! Tanto gelo junto, não derrete, um sol desgraçado (risos).

Leonardo: O engraçado e peculiar é a forma que aquilo é formado, a forma com que avança o rio, a forma que se mantém, é impressionante! É uma obra da natureza!

Gustavo: Lugar mágico pra mim, foi Machu Picchu, no Peru. Lá em cima. Mas se colocar de todas as viagens de moto, onde eu tenho mais vontade de ir, passar ou andar, é subir a Cordilheira dos Andes. Não é um lugar específico. Eu sou um pouco estudioso da Cordilheira, quero saber onde ela começa e termina. Até hoje, ninguém conseguiu decidir se começa na Antártida e onde termina. Quero saber o que ela faz pro nosso continente, inclusive pra boa parte do continente da América Central. A água do Atlântico é quente e a do Pacífico é fria por causa dela. A quantidade de bichos. A mudança vegetação é nítida! Quando está no Brasil e começa a ir



Rodar a América do Sul proporciona vistas sensacionais. Acima, La Mano del Desierto, Atacama. Ao lado, a magnitude do Salar de Uyuni, na Bolívia. E mais à direita, a imensidão gelada do Glaciar Perito Moreno, em El Calafate.



TU ENTREVISTOU

pra lá, tudo muito verde, vários tons de verde, começa a subir a cordilheira, são vários tons de marrom e do outro lado não tem um verde! A sensação de saber que estou a 5 mil e tantos metros de altitude com a minha moto, pra mim, nada supera isso! Nenhum ponto turístico. A Cordilheira não tem igual. O maior sonho das pessoas é andar na África, mas sempre que estou conversando com um gringo, eu falo “mas aí vocês não têm a Cordilheira, meu velho!”.

Luciano: Eu acho que o melhor continente pra andar de moto é o Americano. Porque é o único que você consegue chegar de moto, mais ao sul do mundo e mais ao norte do mundo. Consegue bater no Alasca e no Ushuaia. Eu já falei que isso vai estar na minha lápide, antes de eu morrer, eu vou para o Alasca...



“QUANDO ESTOU DE MOTO, DE CAPACETE FECHADO, TÔ PENSANDO EM TUDO QUE JÁ FIZ, TUDO QUE POSSO FAZER.”

TU - E existe esse plano de ir pro Alasca?

Luciano: Já tem planilha pronta, já tem tudo! Só não temos tempo ainda.

Gustavo: O problema é o tempo, por isso que normalmente fazemos nossas viagens em 15, 18, 20 dias... a maioria dos membros têm seu negócio próprio, não tem tempo suficiente para dedicar a uma viagem. Então fica difícil fazer uma viagem como essa, mas tem projeção, tesão, vontade. É um sonho, só que é uma viagem que vai demorar dois, três meses... pra você abdicar de família, trabalho, uma série de coisas, principalmente na atual situação, fica um pouco difícil.

TU - E vocês falaram de família... as esposas topam, dão apoio?

Luciano: Elas percebem que isso faz um bem monstruoso pra gente. E nós também ficamos contentes quando conseguimos levá-las, pois dá uma quebrada na saudade, que é grande. Ficar dez horas andando de moto faz você pensar na vida toda. A moto pra mim é a melhor terapia.



Quando estou de moto, de capacete fechado, tô pensando em tudo que já fiz, tudo que posso fazer, onde consigo melhorar. Diz a minha mulher que ando melhorando... (risos). Elas gostam de participar. Eu vejo que é muito benéfico para as crianças. Falando da minha filha, na aula de geografia, in loco, é campeã. Vai tocar no assunto na escola, a professora pergunta “qual deserto mais árido?”, já responde “Atacama, já estive lá!”. É viver a geografia.

Leonardo: Fora isso, toda viagem que a gente faz, tem um aparelhinho que levamos, um rastreador via satélite que vai triangulando onde estamos e joga no mapa, e elas vão seguindo o que a gente está fazendo.

Luciano: Via satélite, não tem nada de sinal de celular.

Leonardo: Acaba acalmando elas. Vão tendo notícias.



TU - E vocês têm alguma patrocínio, alguma ajuda, ou vão na raça?

Gustavo: Estamos começando a buscar isso porque a gente expõe o equipamento a um uso que nenhum teste de montadora coloca. Pegamos frio, calor, frio. Imagine 23 horas de motor ligado, sem desligar. Nos perguntamos “cara, como a moto aguenta essa temperatura?” Sei que é questão mecânica, hoje tem muita eletrônica, mas é mecânica. É ferro com ferro. E você vê, a moto não quebra, não ferve. Hoje estava montando um portfólio,

mostrando isso e pedindo apoio. Por exemplo, temos que fazer revisão antes de sair nessas viagens longas e depois que volta. Se é de dez em dez mil (quilômetros) tem que rodar pra fazer. Cada revisão aí é R\$ 1.000,00, depois R\$ 1.500,00, e assim vai indo. Estamos pedindo hoje isenção de mão de obra, desconto de peças... essas coisas.

TU - TU: E qual a próxima viagem? Qual o próximo plano?

Gustavo: O Atacama. Uma viagem estilo comercial, ou seja, agradando o maior número de pessoas possíveis. Tem pessoas da turma que dizem "ah, se rodar mais de 700 km por dia, eu tô fora". Outras dizem "se rodar muito rápido o tempo inteiro eu não aguento, não tenho esse ritmo". Então, fizemos uma planilha baseada em uma viagem de turismo. Literalmente, como se fôssemos instrutores levando clientes para conhecer o Atacama. Pois temos o intuito de, um dia, nos transformarmos numa empresa de moto aventura. Então vamos fazer um teste com a nossa própria equipe. Uma planilha fácil, fizemos uma apresentação para 16 pessoas, mostrando quanto iria rodar no primeiro dia, o segundo dia com um pouquinho de off-road, mostrando uma estimativa de custo por dia e somatória, hotel que ia ficar, tanto na

estrada quanto no Atacama. No final, falamos "e aí, quem se candidata?". Dos 16, só dois não levantaram o dedo na hora, só porque não poderiam ir em abril. Mas vamos repetir essa mesma viagem em outubro e eles disseram que já estão dentro. Ficamos surpresos. Pela primeira vez fazendo reserva para 14 pessoas. Tem hotel lá que ele inteiro é nosso. Aí, baseado na quantidade de pessoas, estou começando o projeto de pedir apoio, um desconto. Se o cara me der 15% de desconto, repasso pra todo mundo. Se der manutenção grátis, só paga as peças. Vamos comprar 14 jogos de pneu! Se você chega numa loja e compra 14 jogos de pneus, o poder de barganha muda. E o cara coloca a marca dele, aparece em sites, tá dando credibilidade pra gente, coisas que não esperávamos.

Leonardo: Uma coisa que fazemos, e a maioria dos moto clubes fazem, é colar nosso adesivo em todos postos que paramos. Quer dizer, por exemplo, dez foram numa viagem pra Bonito, aí colam nos postos. Vamos dizer que, daqui a alguns meses, outras pessoas do mesmo grupo passem ali, olhem o adesivo e falem "pô, os caras já passaram por aqui!"

TU - E o que vocês diriam para quem quer pegar estrada ou para quem quer entrar pro grupo?

Leonardo: Pra entrar na nossa galera, basta ter uma moto. Quer dizer, o principal é ter o interesse. A pessoa tendo interesse, o gosto por moto e viagem, já é um ponto de partida. Se ele achar que hoje em dia não consegue acompanhar o estilo das nossas viagens, e mesmo assim quer nos conhecer, entre em contato pelo Facebook ou Instagram. independente de não conseguir viajar com a gente, ajudaremos, daremos dicas, abrimos pra quem quiser conhecer o grupo. Hoje somos um grupo de amigos, que gostam de motos, de viajar e estamos sempre abertos a fazer novos amigos. **TU**

CONTATO

[facebook.com/gS22advriders](https://www.facebook.com/gS22advriders)

[instagram.com/gS22advriders](https://www.instagram.com/gS22advriders)

Na página ao lado, uma das "sessões de terapia" com a moto na estrada e uma visita a Brasília. Quase um bate e volta para o grupo. Também na página ao lado, o mapa com a geolocalização do grupo em sua viagem ao Ushuaia. À direita, a Kombi que o grupo ajudou a comprar para a Associação Semeando Esperança, de Rio Claro/SP.



MUITO MAIS QUE SÓ UM HOBBY, UMA AÇÃO DE SOLIDARIEDADE

Além de viajar a América do Sul inteira, o GS22 vê as motocicletas como uma ferramenta de transformação. Por isso, eles desenvolvem várias ações de cunho social. Através de um fundo, onde cada integrante ajudava um pouco, o grupo ajudou uma instituição de Rio Claro a comprar uma van para o transporte de crianças com deficiência. Outra ação, foi a nova pintura da Casa da Vovó Anita, no Embaré em Santos, onde o grupo juntou mais de 80 voluntários para conseguir a doação das tintas e pintar a fachada. Além de inúmeras ações realizadas pelo grupo, por onde eles passam.




SUPER CUSTOM. SEU SITE ESPECIALIZADO
EM PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA O MERCADO
DE MOTOCICLETAS CUSTOM PREMIUM.

A ESTRADA
ESTA TE
CHAMANDO.
NÃO OUSE
IGNORAR!

 Super Custom

supercustom.com.br

TU É GATA



COM JEITO DE MOLECA.
SORRIDENTE E BRINCALHONA.
MAS, COMO UMA PERSONAGEM
DE NELSON RODRIGUES,
ELA ESCONDE UMA
SENSUALIDADE QUE
NÃO CABE NOS LIVROS.

BRUNA DONADINO



fotos
\fernando de santis
\thiago souto

texto
\fernando de santis

maquiagem
\aline malafaia
[instagram.com/alinemalafaia](https://www.instagram.com/alinemalafaia)



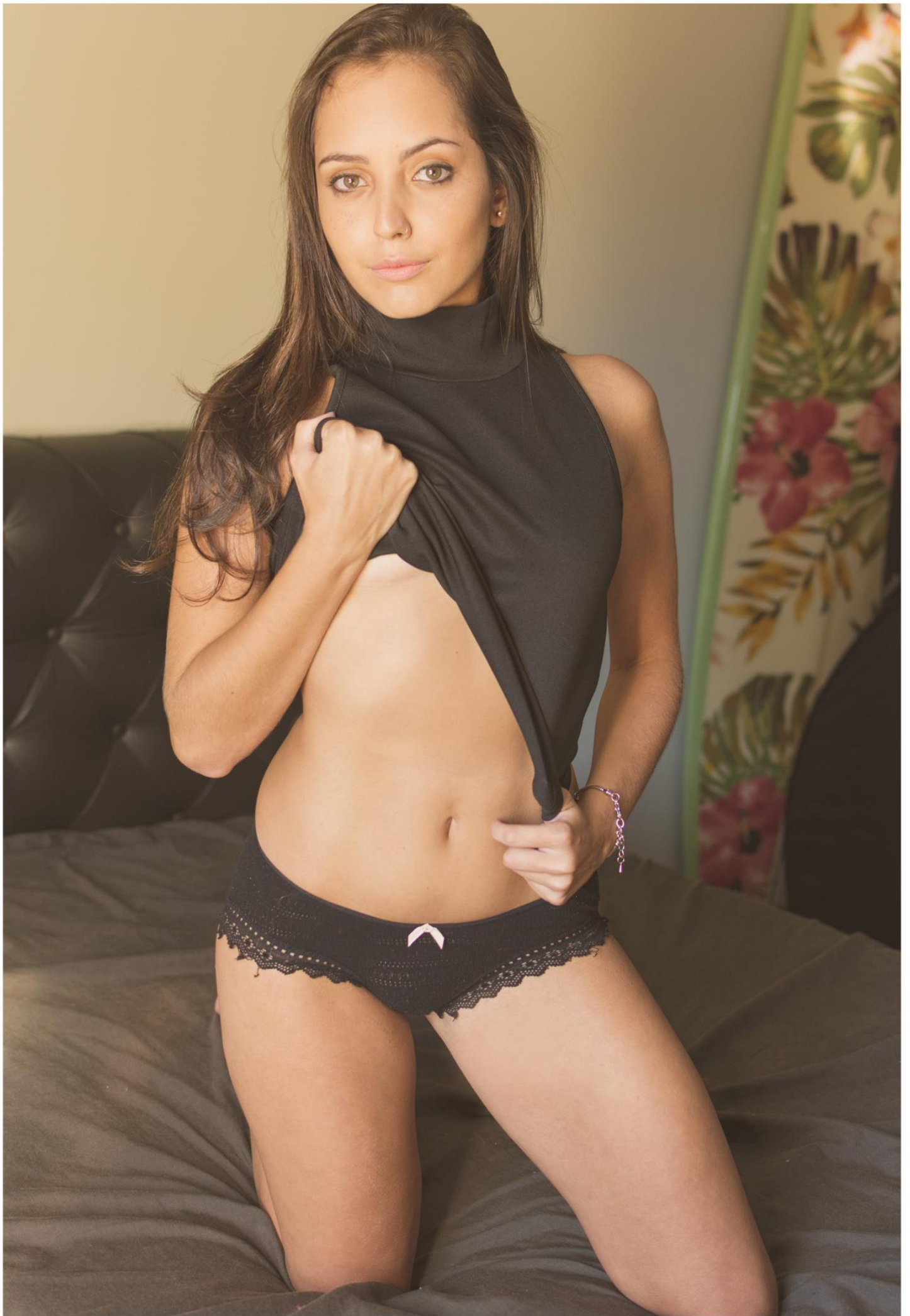
Ainda não sei dizer de qual minissérie ou novela ela saiu. Mas se muitos escritores a vissem, aplaudiriam de pé. Seria uma bela inspiração, novinha, com jeito de menina, de moleca, mas com muita personalidade. Bruna Donadio sorri o tempo todo. Ela se diverte com tudo, brinca com tudo, mas quando levanta a sobrancelha esquerda, tudo pára. Tudo fica sério. Ela quer ser Kardashian, ela me convida para fotografá-la quando ficar famosa. Ela gosta de ler, mas coisas reais, relacionadas à psicologia ou direito. Isso é raro para alguém que recém completou 20 anos. Ela fez uma festa com temática do filme Frozen. Ela me diz entender a Elsa, ela gostaria de abraçá-la. Ela não come pizza. Vou repetir: ela não come pizza.

Ela não bebe. Ela faz direito, Faculdade de Direito. Ela mora em Santos, nasceu em Santos, torce pelo Santos, mas mudará para São Paulo. Ela gosta de ir ao cinema com o tio fanático por filmes, diz sempre acompanhá-lo, embora não consiga lembrar qual foi o último filme que assistiu. Ela não vai mais tanto à baladas. Às vezes, vai apenas uma vez por mês, às vezes, o hiato é maior. Ela escuta do funk à música clássica. Ela é eclética. Ela nunca namorou e, como é grande fã da Disney - o que explica a festa de 20 anos temática da animação Frozen - espera um dia encontrar um príncipe encantado, mas um com

**ELA FAZ
FACULDADE
DE DIREITO
E GOSTA DE
PRINCESAS
DA DISNEY.
É UMA MENINA
MULHER.**

TU É GATA









cérebro. Ela não é rasa, a inteligência e personalidade das pessoas à atraem. Ela é filha única e é grata por isso. Ela manda fotos mostrando a língua e fazendo caretas. Ela esconde o jogo, assim como técnicos de futebol escondem a escalação do time antes de uma partida decisiva.

Ela deita na cama e ameaça dormir. Olha pela janela, o sol acende os olhos verdes, ela sorri de canto de boca, depois dá uma gargalhada. Ela brinca com as polaroids em cima da cama, quer todas para ela, não quer dividi-las. Consegui duas para mim. Com ela não tem tempo ruim, repete as poses, sente fome, mas não quer comer... muito menos pizza. Ela pede para pular

músicas da playlist, diz que gosta da canção mas não quer ouvir, sem revelar o motivo. Ela pára de fazer a pose para cantar o refrão de alguma música popular que está tocando. Ela comeu salgadinhos da festa de aniversário um dia antes e foi para o ensaio. Ela está de bem com o próprio corpo, confessa gostar muito dos próprios olhos e pés. Ela faz boxe e diz (olhando para as mãos) que, apesar de ser destra, o primeiro soco é com a esquerda. Bom saber.

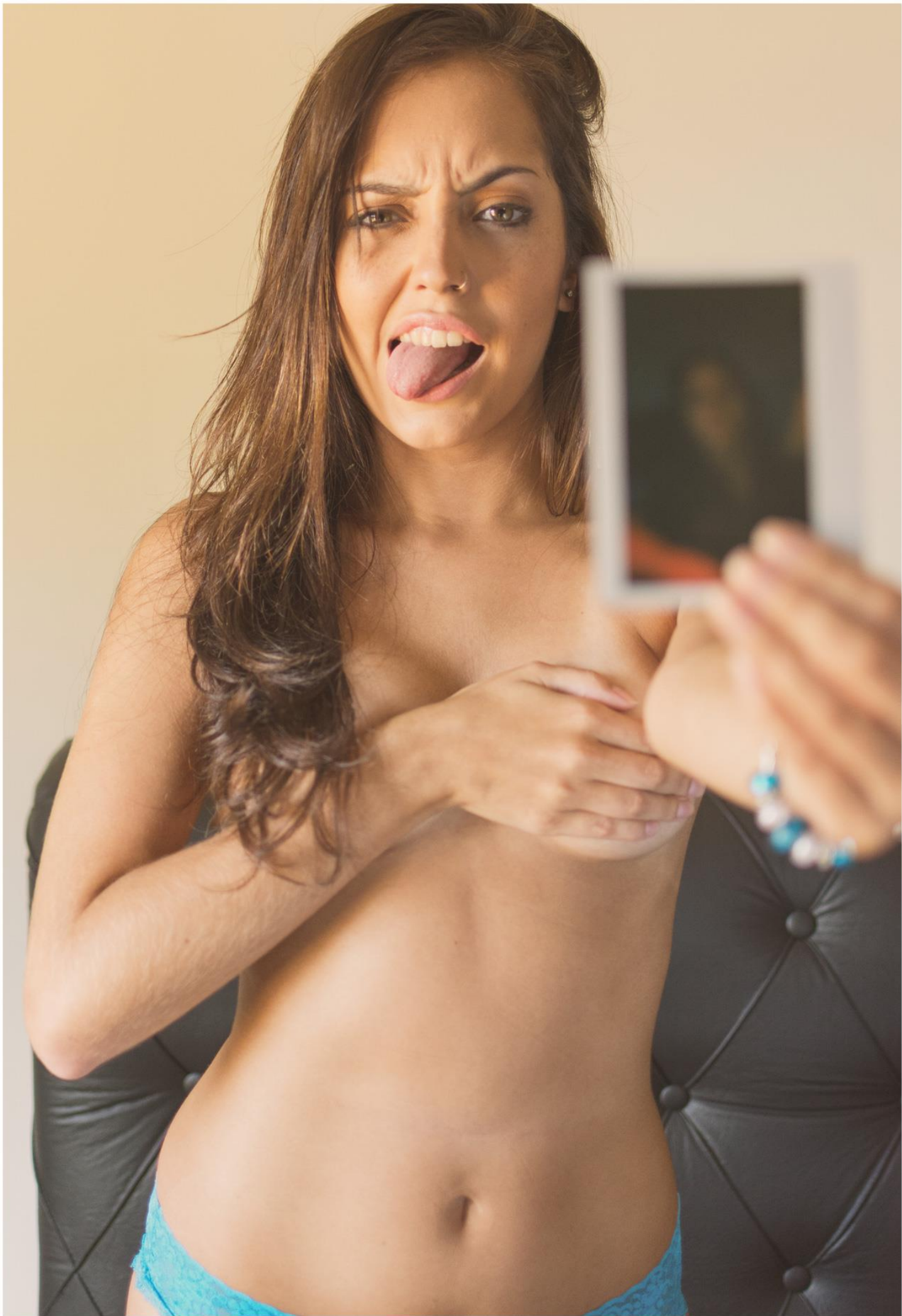
Ela é nova, tem a mente aberta, se diverte o tempo todo e sorri o tempo todo, lembra? Ela só quer estar daqui a dez anos num iate, com o príncipe encantado e sendo bem sucedida profissionalmente. **TU**

**MESMO DURANTE
O ENSAIO, ELA FAZ
CARETA E BRINCA
COM A CÂMERA.
COMO SE NÃO
LEVASSE A SÉRIO
O FATO DE SER
UMA GATA.**



TU É GATA







**BRUNA TEM
UM ÚNICO DEFEITO.
ELA NÃO GOSTA DE
PIZZA. MAS OLHANDO
PARA ESSES OLHOS,
QUEM PRECISA
DE PIZZA?**









Visuais como este do pôr do sol em Popoyo Beach não vão sair nunca mais da memória de Diego Bittencourt. Lembranças de sua primeira *surf trip*.

NICARÁGUA

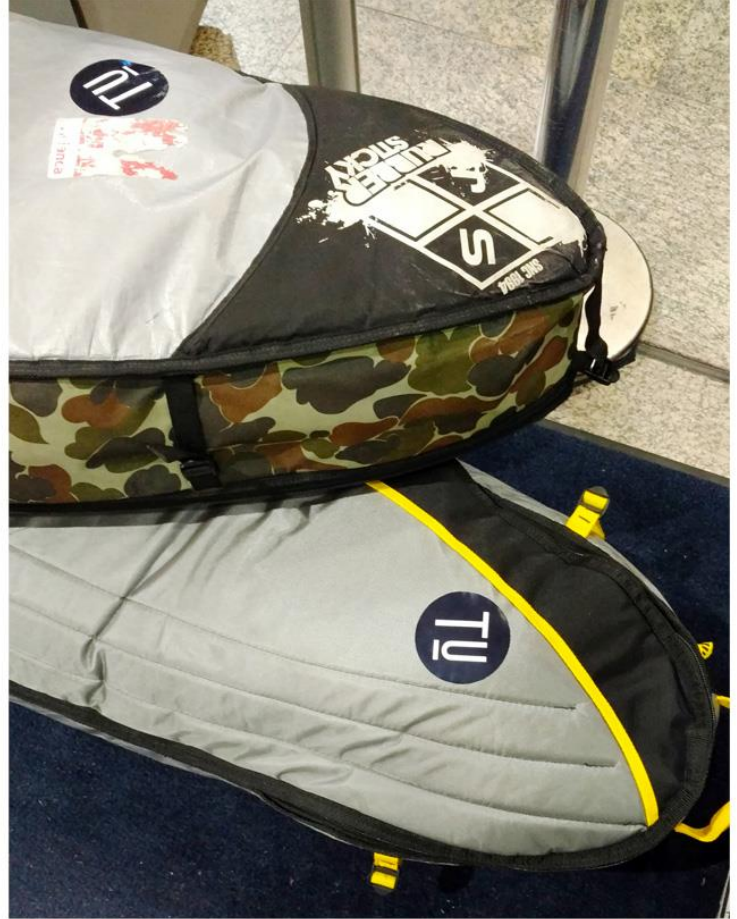
MINHA PRIMEIRA

surf trip

Reunir os amigos e fazer uma viagem épica. Se jogar numa aventura de 18 dias, conhecer um lugar lindo e pessoas diferentes. Essas viagens assim a gente nunca esquece. Ainda mais se for um apaixonado por surf, em sua primeira *trip*, visitando um pico famoso por suas ondas tubulares e perfeitas. Foi o que aconteceu com o nosso brother Diego Bittencourt e é sobre esta viagem sensacional que ele vai contar pra a nós da TU. Então pegue a sua prancha e dropa essa história.

TU PELO MUNDO

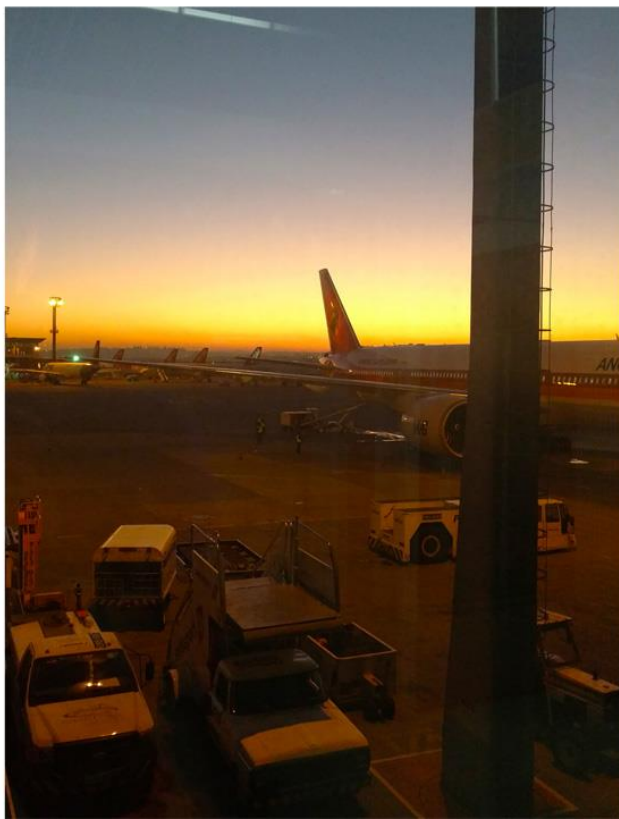
Bom, como já diz o nome da matéria, essa foi minha primeira *surf trip*. A primeira de muitas, é o que eu já posso adiantar antes de você terminar esse texto. Alguns podem achar estranho que um marmanjo que mora na praia e não troca isso por nada, nunca tenha viajado para surfar, né? Pois é, acontece nas melhores famílias, mas minha carreira no surf se iniciou só há uns 5 anos atrás. Como todo começo da vida de um surfista, e quem surfa sabe como é, o início foi bem tenebroso e não satisfatório. Porém, quem persiste sabe como é correr a primeira onda de lado e ver o oceano passando por baixo dos seus pés. Enfim, muitos caldos, ressacas (tanto no mar quanto fora dele) e conselhos de *brothers* que surfam desde sempre, eu decidi fazer minha primeira *surf trip*. A barca fechou. Eu, Berga e Albert. Três santistas de nascença que têm vidas bem diferentes, mas uma paixão em comum: o surf. Detalhe, os caras surfam há *mileducas* (muitos anos), imagina a pressão que eu estava! Mas bora lá, como falaram pra mim durante a viagem toda: *Go hard or go home!*



Acima, as bagagens mais importantes de uma *surf trip* prontas para embarcar. Abaixo, madrugando no aeroporto de Guarulho, rumo à escala no Panamá.

Dia 06 de dezembro, partimos rumo a Nicarágua para passar 18 dias em busca do mar que a gente não tem aqui com frequência. No meu *quiver* (set de pranchas) eu levava 3 pranchas, uma 5.8 com uma boa flutuação, uma 5.9 mais faca e uma 6.0, que eu utilizaria em caso de um mar pra gente grande. Mesmo sabendo que a temporada de altas ondas lá é de março a agosto, o resto do ano não deixa a desejar a ninguém que goste de um bom surf.

“FOI MINHA PRIMEIRA SURF TRIP. A PRIMEIRA DE MUITAS.”



PARTIU NICARÁGUA

O trajeto é sussa. De Guarulhos para o Panamá, vão umas 6 horas de viagem. E de lá, direto pra Manágua, que é a capital da Nicarágua, demora mais 1h45 de voo. Chegando lá, já compramos um chip de celular local, assim ninguém ficaria sem 3G e não passaríamos perrengue nenhum. Um bom negócio é alugar um carro, assim você já sai do aeroporto direto pro rolê. Ficamos hospedados em Popoyo Beach, que fica a 3 horas do Aeroporto. O hotel era muito bom, hospitaleiro e com boa comida. Tudo com um gasto em média de 60 dólares por pessoa, entre hospedagem (quarto com ar), comida e uns *regalitos* durante o dia, até porque ninguém é de ferro. Para ter uma ideia, uma Toña, que é a cerveja local, custa uns 2 dólares e é de boa qualidade.

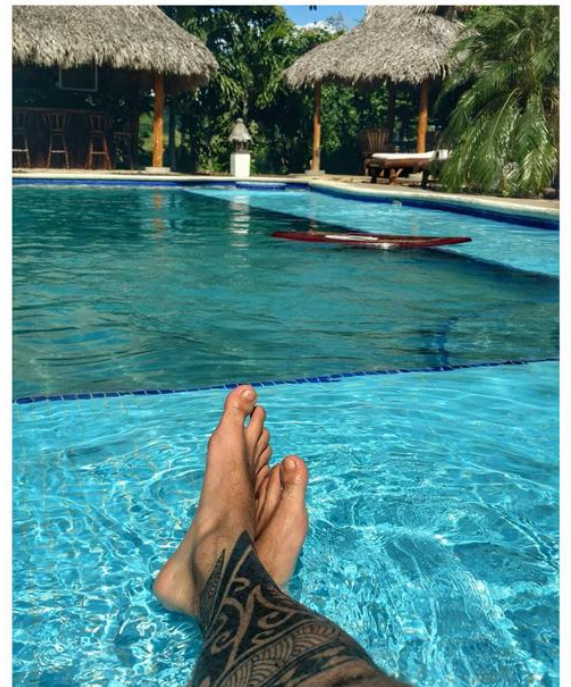
popoyo



Nem só de ondas é feito uma *surf trip*. Nas horas de descanso, Diego e seus companheiros de viagem até que curtiram uma certa mordomia. Com um bom preço, o hotel foi uma grata surpresa.

POPOYO BEACH

Em Popoyo Beach, logo em frente ao hotel, tem um pico de ondas fortes, fundo de areia e cavada. À esquerda da praia tem o famoso Popoyo Reef e, certamente, será o primeiro da lista do Youtube quando você digitar Surf Nicarágua. Altas ondas quebram no reef, que é o lugar que tinha onda com mais frequência durante os dias de swell baixo e, quando o mar subia, a qualidade só aumentava. Ondas ótimas, esquerdas tubulares e direitas mais curtas para dar uma ou duas manobras. Logo depois de Popoyo Reef, vem Beginners Bay, uma esquerda tranquila que geralmente é frequentada pela galera que está iniciando no surf, porém, quando o *swell* bate, quebra uma esquerda gigante que vem lambendo a baía desde as pedras até o outro lado da praia. Uma onda longa, só de manobra e sem tubo, uma atrás da outra.





Bem em frente a esse pico, tem uma pedra gigante que parece um submarino parado lá, coisas da natureza e que certamente um geólogo sabe e adoraria explicar. Logo ali, tem um pico chamado Magnific Rock, um lugar irado, no topo do morro, de frente pra pedra que parece o submarino e no meio de duas praias maravilhosas. Na boa, vai lá porque é fera demais. Você vê Santana, Beginners Bay, Popoyo Reef e Popoyo Beach. E tudo isso em uma virada de pescoço. Faz teu surf, fica de cabeça feita e cola lá para tomar uma breja vendo o pôr do sol lá de cima. Aí, você vai entender porque existe tanta cor nesse mundão. O pôr do sol lá é f#\$@!!! Foi a primeira vez que vi o sol morrer na água, e te digo, é insano. Principalmente quando você passa o fim de tarde surfando e é contemplado com aquela pintura. Meu amigo, é complicado descrever, queria aquilo todo dia na minha vida.

Uma opção bacana de rolê é ir em praias que só se chega de barco. Sai em média 100 dólares o barco para 8 pessoas. Vale muito a pena, pois você foge um pouco do *crowd* (quando o mar fica lotado de surfistas), que lá nem é tão intenso, e já conhece picos irados.

“FAZER SEU SURF E TOMAR UMA CERVEJA VENDO O PÔR DO SOL. QUERIA AQUILO TODO DIA NA MINHA VIDA.”

Acima, nossa turma de brasileiros que rasgaram as ondas da Nicaraguá. Ao lado, a enorme rocha em forma de submarino em Popoyo. Abaixo, Diego curtindo um dos pôres-do-sol mais belos de sua vida.



O país é bem pobre. As praias ficam longe dos centros urbanos, onde você acaba tendo mais noção da real situação do país. Porém, no litoral, o cenário se mistura entre cenas rurais de criações de porcos pela rua. Bois, vacas e também nicaraguenses andando com suas peixeiras na cinta e sua motos sem capacete. Não tivemos problema algum, sempre atenciosos ao povo local, que tem uma certa empatia com os brasileiros, afinal, a gente arrisca um *portunhol* e acaba se entendendo bem como bons povos latinos.

A vida noturna é bem tranquila por lá. Um dia o outro rola uma festa, mas nada muito grande. Durante os primeiros dias de viagem, fomos tomar uma cerveja no Magnific Rock para ver o pôr do sol. Brijas vão e mojitos vem, fomos abordados por 3 caras que vieram falando que tinham visto a gente na água surfando à tarde. Comentaram sobre um de nossos amigos que pegou várias naquele dia, quebrou tudo e arregaçou no pico. Detalhe, isso eles falando em inglês. Eu só soube o que eles disseram depois, pois meu inglês é *the book on the table*. Enfim, perguntaram se a gente era israelense, pois deixamos a barba crescer pra viagem, para ficar com cara de louco mesmo... e não é que deu certo? Quando falamos que éramos brasileiros, eles piraram. No final da história, os 3 caras também eram brasileiros, de Minas Gerais, e estavam na Nicarágua aprendendo a surfar! Dois deles largaram tudo e estavam dando a volta ao mundo, passando por 64 países. Já o outro, mora em Mallorca e foi visitar os brothers mineiros.



Volcans

Acima, a lava fervente do vulcão ativo, na reserva de Masaya. Ao lado, Diego posa ao lado da caldeira com sua barba que fez até mineiros acharem que eles eram israelenses.



VISITANDO O VULCÃO

Falando de amigos que fizemos, em nosso hotel conhecemos um francês chamado Matthieu, que eu já o apelidei de cara (de uma forma amigável) de Croissant. Esse aí era engraçado, colava na nossa e se jogava. Ele que falou pra gente sobre um vulcão em atividade que tinha em Masaya, uma cidade a 3 horas de Popoyo. Borá lá ver o vulcão, afinal quando eu veria um vulcão na vida novamente, né? Após alguns centos de quilômetros, chegamos na reserva ambiental de Masaya, onde você paga uma taxa e vai até ao topo do vulcão e é possível tirar umas fotos e ver a lava. O pau comendo lá embaixo, o creme vermelho borbulhante do núcleo do planeta. Meu, que maluco isso! Eu jamais imaginaria que ia ver na vida um exemplo real das maquetes que eu fazia na escola para mostrar um vulcão com aspirina borbulhante na feira de ciências. Bom, vale a pena ir. Fica a dica.

SWELL ATÉ QUE ENFIM!

No nosso último dia de trip, após 18 dias de surf, o *swell* finalmente encostou legal e iam rolar altas ondas em Astillero, uma praia que quebra altas esquadras tubulares. Bom, fomos lá, último dia de surf, de *trip* e de preservar a saúde. Era tudo ou nada! Contratamos um fotógrafo para fazer o registro no melhor dia do *swell* e salve-se a foto que puder.



**“CHEGANDO
NA PRAIA,
OLHEI PRO
MAR E...
BATEU UM
MEDINHO.”**



No topo, Diego e Albert na água em um dos dias de surf. Acima, Diego bem na foto encarando um dos tubos em Artilleros, e ao lado, esquecendo o medo e caindo pra dentro na esquerdinha.

Chegando na praia, eu, o café com leite da turma, já olhei pro mar e... bateu um medinho. Pois é, tava grande de fora. Quebrava a séria lá em um *outer reef* e vinham as linhas de 5 ondas iguais até o canto da praia. Quando entrava na bancada, meu amigo, subiu um monstro. Uma parede de água verde, que pra mim era gigante. Enquanto eu tentava controlar meu cagaço, olhei para o lado e vi meus *brothers* amarradões olhando a série entrando. Bummmm! Bummmm! Bummmm! Uma atrás da outra. Iguais, lindas, grandes e perfeitas. Bom, vim até aqui pra isso, engole o medo e bora lá. Fui o último a entrar na água, mas tava lá. Vamos que agora é a hora. Primeira série veio, eu olhei, remei e puxei o bico. Na segunda, não teve jeito, rema, rema, remaaaa e vai! *Drop* feito, adrenalina batendo na tampa, e tava feito. Insano! Irado! Inexplicável a sensação. O medo se transformou em adrenalina, que virou vontade de voltar pro *outside* e pegar outra...e outra...e outra.

“O MEDO SE TRANSFORMOU EM ADRENALINA, QUE VIROU VONTADE DE VOLTAR PRO OUTSIDE E PEGAR OUTRA.”

Pois é bichão, só uma viagem te proporciona algo assim, caminhos que se cruzam, pessoas que se conhecem e experiências que só sabe quando se vive. Cada quilômetro que se passa voando, navegando ou percorrendo estradas de terra, valem a pena. A experiência de passar um tempo no que podemos chamar de paraíso do surf. Onde o ser humano ainda não vive em massa, a natureza consegue ter um lugar de destaque. Voltei pro Brasil com uma certeza: um dia eu volto pra visitar esse pico novamente. **TU**

introdução
 \ thiago souto
 texto e fotos
 \ diego bittencourt



tubos
 tubos
 tubos

TU TEM O QUE FALAR



FECHARAM-SE AS CORTINAS PARA A CULTURA

textos

\lincoln spada
\raphael moreira

fotos

\raphael moreira

Os movimentos culturais da Baixada Santista atravessam um momento muito particular de sua história. A organização dos artistas da região nos últimos anos levou a um período de grande ascensão das manifestações artísticas e culturais, principalmente na nossa cidade. E, nos dias de hoje, para aqueles com olhar mais atento, não é raro nos depararmos com algum novo graffiti, uma discotecagem ao ar livre, ou mesmo uma nova peça de teatro em praças públicas. Porém, apesar dessa conjuntura extremamente frutífera e enriquecedora culturalmente para as comunidades, o Poder Público (em todas as suas esferas) vem na contramão de tudo isso, seja pelos cortes orçamentários, seja pela redução de programas.



Apenas para apresentar a atual conjuntura em nível federal, nesse momento encontra-se estagnado o principal expoente do Ministério da Cultura aos países ibero-americanos: a rede de Pontos de Cultura, que reconhecia e investia em 15 mil entidades comunitárias e de potencial criativo. Um Ministério que, aliás, já tem o seu quarto titular em três anos e com editais cada vez mais raros para amparar todo o Brasil. Para além disso, a Lei Rouanet está com sua atualização parada no Congresso desde 2010, e segue assim cada vez mais afastada das empresas que poderiam colaborar com a difusão artística na região.

COM FALTA DE VERBA, OS ORGÃOS PÚBLICOS TÊM DEIXADO A CULTURA DE LADO.

Em se tratando do Governo Estadual, a Secretaria responsável pelo assunto destinou no último ano o menor valor histórico em editais aos grupos artísticos. De acordo com a imprensa, foram cerca de R\$ 25 milhões para o Programa de Ação Cultural – ProAC, que já injetou noutras vezes R\$ 44 milhões. A suspensão das atividades da Banda Sinfônica do Estado e a demissão de todos os seus músicos (que gerou a campanha #somostodosbandasinfonica) é apenas uma nota de uma gestão desafinada com o mundo artístico, que, por falta de verbas, desativou as sedes regionais do interior e litoral paulista das Oficinas Culturais. Entre elas, a Oficina Pagu, mantida desde sua fundação na Cadeia Velha de Santos.

A CADEIA VELHA E A CULTURA EM SANTOS

Poucos sabem disso, mas a Cadeia Velha foi o berço das ocupações culturais em prédios públicos no país já no final dos anos 70. O francês radicado em Santos Maurice Legeard levou seu projetor, camisetas, pôsteres, meias, fitas VHS e seu cãozinho para uma cela da Cadeia e sem cometer nenhum delito colocou em prática ali sua vontade de tornar o espaço um centro de artes integradas: nascia ali a Cinemateca de Santos. Anos depois e com o apoio e a resistência de tantos outros artistas da região, o Governo de São Paulo finalmente em 1981 entregou o patrimônio histórico como um centro cultural.

Nestes 36 anos de história, o prédio serviu como polo agregador dos artistas da região e ali foram gestados vários eventos: a Encenação da Fundação da Vila de São Vicente, o Curta Santos, a Sansex – Mostra de Diversidade Sexual de Santos e o recente Valongo Festival. Ademais, o edifício também foi reduto da agenda da antiga Bienal Sesc de Dança, do novo Mirada (Festival Iberoamericano de Artes Cênicas), do Fescete (Festival de Cenas Teatrais) e também do Festa (Festival Santista de Teatro).



Na página ao lado, uma encenação na Praça Independência da peça "Blitz - O império que nunca dorme", da Trupe Olho de Rua. No topo, a Virada Ilegal, que é organizada por vários coletivos culturais no mesmo dia da Virada Cultural, e que dá espaço somente para músicos e artistas que são da região. Ao lado, um dos grafites da parede da Vila Teatro, ao lado da Rodoviária de Santos.

Nesse rico espaço de fomento à criação artística, o encontro perene dos artistas do litoral levou à criação e à produção de incontáveis manifestações culturais na região. Numa sala, reunia-se o Movimento Teatral da Baixada Santista. Na sala ao lado, tivemos a origem do movimento CinemaMêmo. Na cela do fundo, surgiu a Escola Livre de Circo. Isso sem contar as outras celas, que recebiam cursos do Projeto Guri e das Oficinas Culturais, ambos programas estaduais. Uma produção cultural riquíssima, sobretudo quando se leva em conta o descrédito que o governo estadual sempre deu aos artistas e àquele espaço, que em 2011 chegou a ter mais de 80 baldes espalhados no andar superior do prédio para controlar as goteiras e infiltrações.

Como se pode imaginar, era urgente o restauro do espaço e que enfim veio, ao custo de R\$ 10,6 milhões para os cofres públicos. Porém, o que se viu depois da reforma foi um total descompromisso do Governo Estadual com a gestão do espaço. Após se comprometer publicamente com a criação de um conselho gestor de artistas da região para o patrimônio e a manutenção das Oficinas Culturais, o governo desativou a Oficina Pagu, como também todas as outras que estão fora da capital. Segundo o secretário Estadual da Cultura, José Roberto Sadek, o prédio agora será sede da Agência Metropolitana – Agem (órgão burocrático que não tem como papel gerir um centro cultural) e do Projeto Guri, que atendia gratuitamente crianças carentes da Zona Noroeste e que agora terão que desembolsar dinheiro para chegar até o novo endereço.

APÓS A REFORMA DA CADEIA VELHA, O GOVERNO DO ESTADO REMOVEU A OFICINA PAGU DE LÁ.



Acima, encenação da peça "Blitz - O império que nunca dorme" na Praça Independência. O diretor desta peça viria a ser detido pela PM durante outra apresentação na Praças dos Andradas.

Para além de todos esses problemas estruturais os artistas de Santos passam por outro problema, em nível municipal. Trata-se do decreto municipal 6.889/2014, que disciplina todos os eventos em espaços públicos, exigindo desde documentação de arquitetos até 45 dias de antecedência para os responsáveis serem autorizados a realizar uma atividade. Na área cultural, uma situação inimaginável diante das manifestações espontâneas de coletivos e artistas de rua que nossa cidade tem

visto. Além disso, o citado decreto jamais foi discutido pelo Conselho de Cultura (espaço justamente criado para debater esse tipo de medida), um projeto de lei para revertê-lo já foi vetado, e a promessa à imprensa de debater o tema ainda está em segundo plano, apenas no discurso dos políticos da cidade.

Em meio a toda essa insegurança jurídica, tivemos ainda o caso de um diretor teatral e Conselheiro de Cultura

que foi detido em plena Praça dos Andradas em meio a uma encenação da peça 'Blitz – O Império que Nunca dorme', peça financiada pelo governo estadual e que curiosamente trata justamente dos abusos da violência policial no Brasil. Felizmente, na apuração do caso, a Corregedoria da Polícia Judiciária do Estado constatou o crime de abuso de autoridade por parte da PM quando esta interrompe a peça, algema o seu diretor teatral, apreende o celular de um espectador e proíbe o público de filmar a ação.

Ainda assim, os artistas e produtores culturais resistem em uma terra consagrada pela Unesco com selo de Cidade Criativa, numa rica agenda de festivais e festas populares. Das escolas de dança da Vila Rica às formações no Arte no Dique, no Rádio Clube; do hip hop da Zona Noroeste ao forró nas areias do Boqueirão; do Maracatu Quilôa no Porto até os mapeamentos de cultura e cidadania do LabxS na Ponta Praia; do cineclubes do São Bento ao Sarau Literário da Pompeia; do Samba do Ouro Verde no Marapé até a Vila do Teatro no Centro Histórico; da tradição caiçara da Ilha Diana ao Instituto Querô da Vila Nova. Enfim, entre tantas mais referências efervescentes das comunidades, já passou da hora de novos tempos para a Cultura em Santos. **TU**

**MESMO COM A
FALTA DE APOIO POR
PARTE DO GOVERNO,
A CULTURA DÁ SEU
JEITO E CONTINUA
FIRME E FORTE.**

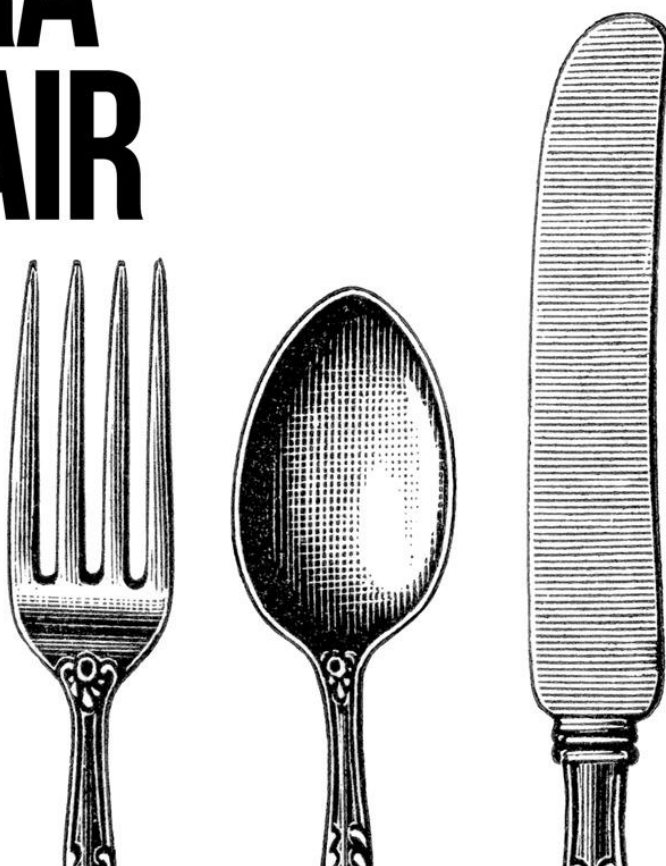


TU NA COZINHA

A RECEITA PERFEITA PRA QUEM VAI CAIR NA FOLIA

COM O CHEF DANILO ROCHA

O chef Danilo bolou uma receita leve e cheia de nutrientes para você encarar o carnaval. Que tal testar seus dotes culinários fazendo esse tataki de atum com purê de batata doce e shimeji salteado na manteiga? Além de ser um prato delicioso e super fácil de fazer, ele leva ingredientes que dão aquele grau. O atum é rico em potássio, vitamina B e ômega-3. Já a batata doce, é um carboidrato complexo de baixo índice glicêmico, rico em fibras, ferro e vitaminas A, C e E. Então coma sem culpa e caia na folia!



TATAKI DE ATUM COM PURÊ DE BATATA DOCE E SHIMEJI

INGREDIENTES

- 1 Lombo de atum vermelho
- Orégano fresco
- Limão siciliano
- Pimenta rosa
- 3 batatas doce
- 200 gr de shimeji

MODO DE PREPARO

Deixe o atum marinando em orégano, limão siciliano, azeite e sal por 2 horas. Enquanto isso, cozinhe as batatas em água com sal até ficarem bem cozidas. Escorra as batatas e amasse-as. Depois, leve ao fogo com manteiga e leite até dar ponto de purê. Coloque as raspas de limão siciliano e reserve. Separe o shimeji e salteie em frigideira anti-aderente com manteiga, sal e cebolinha. Reserve. Leve o atum à frigideira anti-aderente bem quente. Sele por 3 minutos de cada lado. Acerte o sal e pronto! Corte em fatias grossas e, se quiser dar um toque especial, use molho tarê para acompanhar. Esta porção serve 2 pessoas. Bom apetite!



O chef Danilo Rocha comanda a cozinha do Mucha Breja Beer Store, em Santos, é o fundador do buffet Chef Prime: Inteligência Gastronômica e participou do programa Food Truck a Batalha, do canal GNT.

E QUE TAL UM VINHO PARA ACOMPANHAR? E UMA CERVEJA ARTESANAL?

Todo prato ganha um toque especial se harmonizado com uma bebida que “converse” com ele. Nós separamos duas opções. Uma delas é uma cerveja, dica da nossa beer sommelier responsável pela seção TU BEBEU. A outra é um vinho escolhido pelo enófilo Nicolas Nascimento Ferreira Póvoas, que estreia na revista. Ele tem 36 anos, é contador e membro da Associação Brasileira de Sommeliers. Se apaixonou por vinhos aos vinte anos e iniciou sua busca sempre por novidades e experiências sensoriais diferenciadas. E agora vai dividi-las com a gente. Tim-tim!

HOEGAARDEN WITBIER - BIÈRE BLANCHE

por \ thays cardozo



As witbiers entram em equilíbrio de forças e complementação com o prato. A Hoegaarden, por exemplo, é uma cerveja de baixo amargor, leve acidez com notas condimentadas e cítricas relacionada à casca de laranja e ao coentro. Harmoniza com o atum, que é um peixe bastante marcante e caracterizado pela sua maciez. O método de cocção utilizado garante essa textura na boca, ainda mais quando é provado junto com o purê de batata doce, deixando uma leve picância na boca e tornando a experiência única.

CONCHA Y TORO RESERVADO WHITE ZINFANDEL

por \ nicolas nascimento



Vinho rose da região do Vale Central do Chile. A casta zinfandel é originária da Califórnia porém, se adaptou muito bem em solo chileno. Produz vinhos refrescantes e harmoniza perfeitamente com o prato do Chef Danilo Rocha, que tem como base o atum. Apresenta coloração brilhante rosácea com aromas de morango e melancia. Na boca se mostra leve, com notas de frutas cítricas e toque de ervas frescas, casando muito bem com o purê de batata doce e o shimeji na manteiga. Deve ser servido gelado, entre 10°C e 12°C.

CERVEJA COM PÉ NA AREIA E HAMBURGER COM TEMPERO PAULISTANO

Visitamos dois lugares que poderiam ser extremos totalmente distintos se não fosse por uma coisa em comum: as comidas deliciosas. De um quiosque da praia Santos a uma hamburgueria na frenética São Paulo, o que importa é comer bem!



Buffalo Wings à moda do Quiosque Burgman. "Tulipinhas" de frango levemente apimentadas e batatas fritas. Tem coisa melhor para acompanhar um chopp artesanal na beira da praia?

QUIOSQUE BURGMAN EM SANTOS

por \ thiago souto

Não tem nada que combine mais com verão do que sol e pé na areia da praia, bebendo um chope geladinho. Se for um artesanal, melhor ainda. Pois bem, quem já ficou aguçado só de imaginar esse cenário, pode se esbaldar na nova estrela dos quiosques do CPÉ em Santos: o Quiosque Burgman. O quiosque da cervejaria sorocabana abriu suas portas no final do ano passado e, de lá para cá, vem fazendo a alegria da galera com chopes da marca, além de outros rótulos engarrafados.

Mas a gente não veio falar de cerveja aqui. Deixa esse assunto com a nossa querida beer sommelier Thays Cardozo. O negócio aqui é comida. E o Quiosque Burgman não marca bobeira no meio dos já tradicionais quiosques da praia,

com seus sanduíches monstruosos! Lá você pode encontrar algumas porções para acompanhar com maestria uma boa gelada. Começamos experimentando a picante Buffalo Wings, que são asinhas de frango apimentadas. Sou um fanático por asinhas e estas estavam ótimas. Algumas pessoas podem achar que poderia ter um pouco mais de pimenta, mas para mim estava bom. Também pedimos uma Fish'n Fries, a versão da casa do clássico dos pubs britânicos, com iscas de peixes e fritas, acompanhados de uma saborosa maionese com um toque cítrico. Para encerrar, pedimos mais uma porção, só que agora de Parmeggiana Aperitivo, com uma abundância de queijo derretido no maçarico em cima de tiras de carne e molho de tomate. Uma delícia!

Tão bom, que repetimos. Tudo bem harmonizado com as cervejas da casa.

O lugar, como você já deve imaginar por ser um quiosque, não tem frescuras. Você pode sair da praia e sentar para tomar um chope no fim da tarde, ou sair da balada de madrugada e estender um pouco a noite no quiosque, que nos finais de semana fica aberto até as 5h da manhã. E como fica bem em frente ao playground do Canal 4, o lugar é bem convidativo para famílias também. Vale conferir, não importa qual seja a sua tribo!

Av. Siqueira Campos (Canal 4)
x Av. Bartolomeu de Gusmão
Embaré - Santos/SP
facebook.com/quiosqueburgmansantos

BULLGER

EM SÃO PAULO

por \fernando de santis

Sabe quando bate aquela vontade de comer um hambúrguer gostoso e num preço justo? Pois então, a rede Bullger pode ser a solução para isso. Localizado em quatro unidades na capital paulista, fui matar a vontade na lanchonete da Vila Nova Conceição (ali em Moema!). O local não é dos maiores, tanto que tive que esperar meia hora para conseguir uma mesa, mas isso parecia um bom indício, o hambúrguer realmente deveria de ser bom. Com dois ambientes, um fechado e outro ao ar livre, onde você

pode comer acompanhado do seu cachorro, se quiser.

Enquanto esperava a minha mesa, pedi uma porção de fritas com páprica e molho de queijo (Fritas Crinkles). Que combinação legal, altamente recomendada. Para beber, chopp Heineken, que infelizmente foi servido em copos de plástico. Aliás, se você for tomar uma Brooklyn, saiba que terá que ser no copo de plástico, se não quiser tomar na própria garrafa. Infelizmente. Ficamos

numa das mesas do lado de fora, tomando um solzinho bacana e escolhi um Lumberjack pra iniciar os trabalhos. Alguns minutos depois chegou, com a marca da hamburgueria prensada no topo do pão, recheado com hambúrguer, queijo, bacon, pickles e um molho delicioso. O pão é muito saboroso e o hambúrguer veio ao ponto, conforme pedi. Bela combinação num sanduíche não muito grande, porém com um preço pra lá de honesto. Já que estava lá, uma coisa levou a outra, resolvi experimentar outro sanduíche. No cardápio um tal de "Cheese Please" me chamou a atenção. Pão, queijo camembert, tomate e alface. Deve ser a opção vegetariana deles. Gostei da ideia, mas resolvi *tuná-lo* e pedi para adicionar um hambúrguer, na opção "More Meat, More Cheese". Chegou uma mini-torre na minha frente. Queijo empanado, bem quente, com hambúrguer ao ponto mais uma vez. Delicioso. Pra fechar, escolhemos uma apple pie, a boa e velha torta de maçã, que vem acompanhada de sorvete de creme e caramelo. Combinação certa, não tem como errar.

Se você procura uma lanchonete legal para saborear um hambúrguer gostoso e por preços honestos, Bullger pode ser uma das boas opções de São Paulo. Não é o local que você vai sentar e comer com calma, pois sempre vem um garçom para tirar as suas coisas da mesa e "pressionar" a sua saída. Mas, mesmo assim, vale a pena. **TU**

O ex-vegetariano
Cheese Please com um toque
de gordice: a adição de um burger.
Não é que dá pra melhorar o que
já era perfeito?



Rua Diogo Jácome, 606
Vila Nova Conceição - São Paulo/SP
Tel. (11) 3044.2757
bullguer.com

TU BEBEU

CHEGOU A TURMA DO FUNIL

ENTRE NO CLIMA
DE CARNAVAL COM
ESTA SELEÇÃO DE
CERVEJAS
ARTESANAIS



Thays Cardozo é apaixonada por cerveja e Beer Sommelier formada no Curso de Sommelier e Educação Cervejeira do Instituto da Cerveja.



PILSEN

Lohn Bier Pilsen
4,5% ABV



WEISSBIER

Bamberg Weizen
5% ABV



IPA

Dogma
Touro Sentado
6,5% ABV



APA

Júpiter APA
5,4% ABV

Carnaval é uma festa reconhecida e comemorada internacionalmente. É a época do ano mais animada e esperada, marcada pela alegria e euforia. As ruas são os melhores lugares para se comemorar essa festa, onde várias pessoas levam sua companhia favorita: a cerveja!

E por que não aproveitar para se refrescar com uma boa cerveja artesanal? Então chame os amigos, família ou aquela pessoa especial para anotar algumas dicas de cerveja para curtir o carnaval!

Aqui vão algumas dicas de estilos. Escolha um que combine com você.

Pilsen - Cerveja de fácil drinkability, sendo a cerveja mais consumida no mundo.

Weissbier - Uma ale clara à base de trigo, condimentada, frutada e refrescante.

IPA - Uma Pale Ale intensamente lupulada sem a grande maltosidade, marcada pelo amargor crescente e refrescante pedindo um próximo gole.

APA - Refrescante e lupulada, aroma cítrico lembrando frutas amarelas cítricas,

contudo com uma quantidade suficiente de malte para dar equilíbrio.

Witbier - Cerveja à base de trigo, contém casca de laranja e sementes de coentro na receita o que a deixa com aroma cítrico e leve picância na língua com sensação leve e refrescante.

Saison - Refrescante, com frutado/condimentado de médio a forte, coloração amarelo alaranjado, intensamente carbonatada, bem lupulada, seca e com certa acidez, que acaba com a sede.

Berliner Weisse - Cerveja à base de trigo de coloração clara, ácida, refrescante e com baixo teor alcoólico.

Vienna Lager - Caracterizada por uma maltosidade elegante e suave que seca no final para evitar se tornar doce.

Essas são algumas cervejas que vão dos mais leves e refrescantes aos mais encorpados e marcantes sabores. Agora que já pegou algumas dicas de boas cervejas para curtir, pegue sua companhia favorita e se jogue na festa!

Sempre lembrando que: Se beber, não dirija. Beba menos, beba melhor. Saúde!!!

textos
\thays cardozo
foto
\thiago souto



WITBIER

Synergy
Snow Wit
4,6% ABV



SAISON

Dádiva
Printemps
5,9% ABV



BERLINER
WEISSE

Tupiniquim
Lógica Absurda
3,5% ABV



VIENNA
LAGER

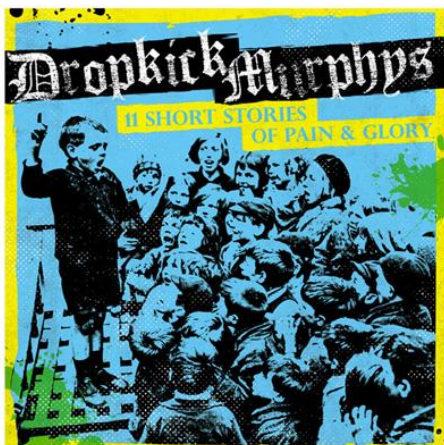
Da Mata
4,9% ABV

TU NOS OUIDOS

Três discos que são verdadeiros tapas nos ouvidos. Nós perdoem a overdose de rock, mas tem hora que só ele salva!

PREPARE OS OUIDOS!

reviews
\ fernando de santis
\ thiago soutu



11 SHORT STORIES OF PAIN & GLORY

DROPKICK MURPHYS



Existem sons que dão uma sede danada de cerveja. São aquelas músicas que fazem o nosso sangue ferver e nos convidam a cantar junto, desafinados e bêbados, pulando com os amigos e jogando cerveja para tudo quanto é lado. Dropkick Murphys é esse tipo de som. E o nono álbum da banda, que é trilha sonora garantida dos pubs, não poderia fugir destas raízes. Misturando muito punk, oi! e música celta, *11 Short Stories of Pain & Glory* é isso mesmo que já está dito no nome do disco: 11 histórias sobre sofrimento e glória. Tudo isso transformado em músicas. E das boas!

The Lonesome Boatman abre o disco com chave de ouro, como se nos chamasse para uma batalha. Uma pedrada punk celta instrumental como já é de costume na

primeira faixa dos álbuns da banda. *Rebel With a Cause* mantém o ritmo lá em cima com os vocais alternados de Al Barr e do baixista Ken Casey, além dos refrões como se fossem cantados por uma horda de hooligans vindo em sua direção. Na 3ª faixa, temos *Ring of Fire* do Johnny Cash. Mentira! A gaita de fole segue a música do Homem de Preto, mas é *Blood*, mais uma excelente música, com todas as marcas registradas da banda. Eles não deixam a batata cair nas próximas *Sandlot* e *First Class Loser*, uma mais punk e a outra cheia de influências irlandesas. Já *Paying My Way*, com uma letra forte como a melodia que a acompanha, dá um toque de superação. Orgulho de ser um lutador. Então vem *I Had a Hat* para colocar fogo no pub. Insana, essa música pede uma roda punk. E *Kicked to The Curb* é mais uma música para cantar nos bares da vida e serve de ponte para a versão de *You'll Never Walk Alone*, que os fãs de futebol vão lembrar bem dela sendo cantada pela torcida do Liverpool. Emocionante, o cover nasceu da preocupação da banda com o crescente número de mortes por overdose e trata de esperança. E falando em emoção, o que podemos dizer de *4-15-13*? Um dos destaques do álbum, a música cheia de sentimento é uma homenagem às vítimas do atentado da Maratona de Boston, algumas delas, conhecidas da banda. Para fechar, *Until the Next Time* dá adeus como no fim de uma festa animal, que te deixou no bagaço, mas com um gostinho de quero mais.

Um baita disco, seguindo o padrão Dropkick Murphys, que até pode não ser o seu estilo de som (afinal, não é todo mundo

que gosta de gaita de fole), mas que vai te dar vontade de ir a um pub e curtir bastante. Aliás, é a pedida perfeita para o St. Patrick's Day, que é agora em março e celebra o jeito irlandês de ser. Então, vá treinando os ouvidos com muito *irish punk* deste disco que está demais!



MACHINE MESSIAH

SEPULTURA



A maior banda de rock brasileira de todos os tempos, Sepultura, colocou nas prateleiras (ou está tentando colocar, já que a distribuição sofreu atraso) seu novo álbum, *Machine Messiah*. Se a capa, criada por Camille Dela Rosa, causou discussões entre os fãs, musicalmente também dividirá os fanáticos pelo quarteto. A verdade é que o Sepultura há muito tempo vem fazendo discos apenas para passar de ano, e desta vez resolveu explorar novos horizontes e arriscar.

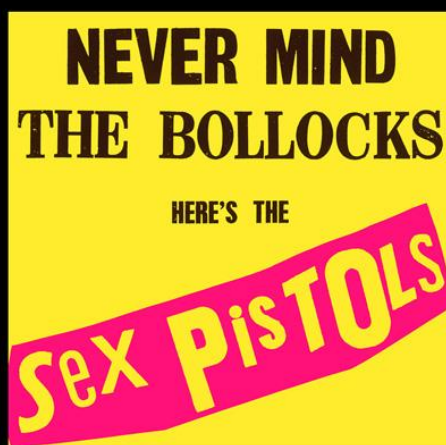
O álbum discute a sociedade moderna, utilização de tecnologia no dia a dia e levanta a questão do retorno do Messias, como um humanóide. A capa condiz com a temática e parece pertinente. Pertinente também sair da zona de conforto e experimentar novos ares, com ajuda do produtor Jens Bogren, além (é claro) da cabeça aberta dos quatro músicos. A faixa-título, que introduz o disco, mostra que o Sepultura não veio para brincar. Derrick Green cantando de forma limpa, uma composição moderna, que é heavy metal, puro e simples. Que grata surpresa! Até olhei duas vezes para ver se estava realmente com um disco do Sepultura no som! Se a primeira faixa é das coisas mais clean que o grupo já fez, *I Am The Enemy* quebra todas as janelas do ambiente, à la Pantera, meio *Fucking Hostile*, até no tempo

curto de dois minutos e meio. E o sorriso vem no canto da boca na introdução de *Phantom Self*, com elementos de maracatu. Sim, é a banda que conhecemos! Com groove, com vocal do Sr. Green mais distinguível e Paulo evoluído anos luz.

Alethea nos brinda com a habilidade do prodígio Eloy sendo demonstrada, segurando a onda numa levada cheia de swing. *Iceberg Dances* é uma faixa instrumental que passeia pela cultura musical nordestina e acerta em cheio no experimentalismo. Por falar em experimental, *Sworn Oath* me fez checar novamente se o CD realmente era do Sepultura. Toda sinfônica, meio nórdica, com órgão de fundo preenchendo toda introdução e refrão. Voltam com tudo nas thrashes *Silent Violence* e *Vandals Nest*, que tem uma das

introduções mais nervosas dos últimos tempos, guitarra de Andreas a 300km/h. Não sobrará pedra sobre pedra nos moshs dessa paulada ao vivo.

Entre passar de ano na média ou estudar, o Sepultura estudou, ousou e acertou. Os discos clássicos estão guardados na história e no coração dos fãs e sempre brincarão ao vivo com as faixas antigas, que todos gostam de ouvir. Que bom saber que depois de quase 20 anos na zona de conforto resolveram experimentar e acertaram, afinal, qualidade e bagagem musical, eles têm. Se a banda sempre se destacou por ter ouvidos e cabeça aberta, chegou a vez dos fãs assumirem essa postura e entenderem que *Machine Messiah* é das melhores coisas que fizeram em toda discografia.



CLÁSSICO DA TU NEVER MIND THE BOLLOCKS, HERE'S THE SEX PISTOLS

SEX PISTOLS

LANÇAMENTO | ANO 1977

Imagine uma banda que lançou apenas um disco em sua história. Apenas um álbum que é considerado uma das obras definitivas na história do Rock n' Roll, especificamente do Punk Rock. *Never Mind the Bollocks, Here's the Sex Pistols*, é o disco de estreia e despedida do quarteto britânico, Sex Pistols, que

abalou a história da música.

Enquanto em New York o cenário punk já caminhava a passos firmes no bar CBGB e arredores, em Londres, o Sex Pistols começava a dar seus primeiros passos. Formado por Johnny Rotten, Steve Jones, Sid Vicious e Paul Cook, o Sex Pistols não foi o inventor do Punk, como muitos dizem, mas foi responsável pela atitude punk. O alvo do quarteto era a coroa britânica e o país, que passava por uma fase complicada. Logo, não foi difícil encontrarem temas para escrever, com muita ira e ironia em suas letras. São doze composições rápidas, com uma média de três minutos aproximadamente, com fúria na guitarra crua e veneno destilado pela voz pra lá de enjoada de Rotten. *Holiday in the Sun* é o cartão de visita da banda, com riff simples, bateria e baixo com muita pegada e o vocal de Rotten, pra lá de carregado de sotaque britânico. Em *Bodies*, Rotten cospe uma letra que aborda um tema em alta hoje em dia no Brasil: aborto (claro que no estilo deles). E o disco caminha nesses passos, *No Feelings* é que o título diz, sem sentimentos, estilo de vida punk nos anos 70. *God Save the Queen*, canção que emprestou o nome do hino inglês, vai com os dois coturnos no peito da coroa britânica, com versos como "God save the Queen / her fascist regime (...) she ain't no human being". Provavelmente, uma das músicas mais censuradas nas rádios (na história),

colocou o Sex Pistols nos holofotes, graças à polêmica no tema e ausência de decoro.

Seventeen é a composição mais desacelerada da obra, pouco depois da metade do disco, para o ouvinte dar aquela respirada, mas vem seguida da *Anarchy in the UK*, com os dois versos mais óbvios e geniais da história do rock "I am an Antichrist / I am an anarchist". Mais uma polêmica na conta do quarteto, que afinal de contas, era o que queriam. Entre outras pancadas, o disco é encerrado com *EMI*, composição "em homenagem" à gravadora que havia demitido o Sex Pistols de sua carteira de bandas. Não faltam frases de efeitos e diretas no queixo da gravadora "we're ruled by none".

Não à toa *Never mind the Bollocks...* foi considerado um dos álbuns definitivos na história da música. Conseguiram expressar, em apenas uma obra, um estilo de vida e musical. Não à toa também, é um dos discos que mais teve canções tocadas como covers, por bandas gigantes, como Motley Crue, Megadeth, Anthrax ou Foo Fighters. Completando 40 anos em 2017, *NMTB*, *HTSP* mostra para a geração atual o que era a essência do punk: faça você mesmo, sem sentimentos e sem se importar com as consequências. Aqui estão os Sex Pistols. **TU**



#EU SOU TU



fotos

\@vanessacidperes \@didiz87 \@wesleyrribeiro
 \@mel.canada \@felipehpaixao \@gugabarcelos
 \@marcialongboard \@thayscardozodacosta
 \@birrasantucci \@amandadesza \@jana_biomarinha
 \@inspireousadia \@luizcarlostss \@fred_lidade
 \@guedesmelo \@thatylittlevamp \@dani_rodriguesdovalle
 \@rafaeldardaque \@georgiananaya \@danielawhaddad
 \@hiltonioneda \@denismoura \@des_focadas \@paulinha_st
 \@barbosa.pry \@jessicaofonseca \@galmaislegal \@luacollini
 \@cervejasdosan \@rahdardaque \@rkleine \@moalmeida_
 \@renatafiglie \@chef_prime_danilorocha \@rmarinho28
 \@leandrogama013 \@camikawa \@acaciaespinha
 \@kellysahade \@omundodebrunopaiva





TU

REVISTATU.COM.BR



/TUREVISTASANTOS